

Ex-estudantes da UFSC auxiliam na Operação Moeda Verde

Dentre os profissionais que viabilizaram a Operação Moeda Verde, alguns são egressos da UFSC - **p. 12**

Foto: Vicenzo Berti



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Maio/Junho de 2007 - Nº 381

A comunidade vai à ciência



A 6ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex) mostrou, mais uma vez, porque a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ocupa posição de liderança entre as universidades brasileiras. Confira a cobertura da Agecom nas páginas 6, 7, 8 e 9 do *JU* e no site da Universidade (www.ufsc.br)

Fotos: Paulo Noronha e Cláudia Schaun Reis

UFSC e Andifes no PAC da Educação - **p. 5**

Violência coloca em xeque a idade penal - **p. 4**

Plano de Saúde: a luta continua - **p.3**

Do Editor

O exemplo da Sepex

Pesquisa ora divulgada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) ratifica o interesse da população pela ciência, tecnologia e inovação. A contrário do que a mídia olímpicamente insiste em ignorar, 81% das pessoas do universo pesquisado afirmam que são capazes de compreender o conhecimento científico se este for bem explicado. A população, assim como se interessa por notícias de esporte, polícia ou política, adora ouvir, assistir e ler sobre os feitos da comunidade científica. A pesquisa do MCT, captando a vontade política da sociedade, informa ainda que 89% dos brasileiros fazem questão de meter o bedelho na definição da política científica e tecnológica nacional. O diagnóstico é um oportuno aval à Política Pública de Comunicação retomada pela UFSC e, simultaneamente, legítima, como exemplo nacional de socialização do saber produzido pela universidade pública, a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex), cuja 6ª edição tão-somente referendou e coroou a qualidade e a liderança hoje conquistadas.

A UFSC não é uma ilha muito menos uma instituição alienada. Logo, engaja-se ativamente na busca de soluções para melhorar a vida da população. A comunidade universitária, portanto, está presente na discussão, formulação e aplicação do Plano Diretor de Florianópolis e exige, de quebra, a punição dos envolvidos na Operação Moeda Verde.

O fato é que o discurso do desenvolvimento sustentável precisa deixar de sustentar o bolso dos corruptos, demagogos e hipócritas. Desenvolvimento sustentável, embora pareça, não pode ser um mito! **(ML)**.



Expediente

Elaborado pela Agecom - Agência de Comunicação da UFSC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323.
Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:
Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing:
Artemio R. de Souza (Coord.)

Redação
Arley Reis (Jornalista)
Celita Campos (Jornalista)
José A. de Souza (Jornalista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Ana Carolina Dall'Agnol (Bolsista)
Daniel Ludwig (Bolsista)
Fernanda Rebelo (Bolsista)
Jéssica Limpinski (Bolsista)
João Gustavo Munhoz (Bolsista)
Lívia H. Freitas (Bolsista)
Talita Fernandes de Jesus (Bolsista)

Fotografia:
Jones J. Bastos
Paulo Noronha
Lívia Allgayer Freitag (Bolsista)

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry
Tania Regina de Souza

Editoração e Projeto Gráfico:
Jorge Luiz Wagner Behr
Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:
João Pedro Tavares Filho (Coord.)
Beatriz S. Prado (Expediente)
Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Diário Catarinense



Moacir Loth

Educação deficiente. O estacionamento privativo para portadores de deficiência não está sendo respeitado no campus, exceto na Reitoria, onde os guardas cuidam. Na falta de guincho, a Ouvidoria pensa que uma campanha possa resolver...

Manchete do Notícias do Dia. "Estupradores da UFSC têm retrato falado" (07/05). Fala-se, no campus, que um deles se parece com o autor do título sensacional do jornal.

Recrudescimento. O governo Lula pensa em proibir as greves. Eis uma boa chance para os movimentos voltarem a dar certo.

Abraço simbólico. A Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (Feesc), que funciona no Centro Tecnológico da UFSC, foi abraçada por manifestantes. A Feesc continua sob intervenção judicial.

Foto: Jones Bastos



Aos desavisados. Na Universidade, ao contrário do que se pensa ou canta, tem vulcão e terremoto.

Ocupação da reitoria. Estudantes da USP protestam contra a política de ensino superior do Governo Serra.

Vacinados? Revolta dos bandejeões assustou funcionários do Gabinete.

Barba, cabelo e bigode. A Pró-Reitora de Cultura e Extensão foi praticamente onipresente na Sepex, marcando presença ostensiva antes, durante e depois.

Diabo Verde. Diz o provérbio que Satanás não tira férias. Já o juiz...

Na costela dói. Reitor reclama de cotovelada no futebol. O vice jura que foi sem querer.

Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Revolução dos Bichos. Dois cachorros conhecidos da comunidade universitária, o Otto e o Catatau, voltaram a liderar uma manifestação pelo RU durante a Sepex.



Foto: Cláudia Schaun Reis

Catatau, depois de conduzir os estudantes, pediu afagos durante o debate sobre o RU

Não foge! Corina Espíndola, a pró-reitora da área, nunca deixou de ouvir e receber os estudantes.

Evolução I. Nunca tantos participaram de minicursos na Sepex.

Evolução II. De dezembro de 2006 até hoje mais de seis milhões de pessoas visitaram o site da UFSC. Hoje a visitação bate a casa dos dez mil por dia.

Tombados. Funcionário com mais de 30 anos de casa recorreu à Ouvidoria para tentar preservar o patrimônio histórico da UFSC, incluindo, entre outros, os prédios do DAC e da Igrejinha.

Reconhecimento nacional. Professores Marcos Laffin e Eunice Nodari passam a presidir, respectivamente, os Fóruns de Pró-Reitores de Graduação e de Extensão nas Universidades Públicas Brasileiras.

Frase

...Sugiro que levantemos uma bandeira aqui na UFSC: uma política de segurança voltada à proteção das pessoas e não somente dos materiais e bens patrimoniais; mais iluminação nos caminhos, trilhas, pontos de ônibus no campus da UFSC e treinamento para os vigilantes ficarem mais atentos para as pessoas que transitam pelo campus, principalmente no período noturno!

Professora Teresa Kleba Lisboa, no Boletim da Apufsc.

Memória

O Campus, no início dos anos 70, quando só os prédios do Centro de Comunicação e Expressão, a Reitoria, a Engenharia e a Matemática estavam em pé, e hoje: mais concreto e bem menos verde.

Foto: Arquivo Agecom



UFSC - década de 70 - foto Acervo AGECOM

Foto: Vicenzo Berti



Os cães da UFSC

Exemplo de "amor aos animais" ou problema de saúde pública?

A história da domesticação de animais é muito antiga e foi iniciada com a nossa proximidade com os cães (14.000-15.000 anos). Eles auxiliavam na localização de presas, vigilância contra predadores do homem; a proximidade física também proporcionava conforto térmico e ampliava a nossa capacidade sensorial para detectar os intrusos que invadiam o ambiente gélido das cavernas. O relacionamento com os cães ocorreu de modo espontâneo e deu origem à domesticação de outros animais: vacas e porcos (9.000 anos), cabras e ovelhas (7.500 anos), cavalos (4.000 anos) e gatos (3.500-4.000 anos). Homens e cães compartilham algumas características comuns, pois são espécies que vivem em grupo, apreciam o mesmo tipo de alimento (gostam de um bom pedaço de carne) e exibem hábitos diurnos. A domesticação foi guiada pelo valor utilitário dos animais, pois alguns serviam para transporte de pessoas e carga ou nada mais eram que um estoque vivo de alimento.

É muito comum as pessoas exibirem alguma forma de aversão aos animais (zoofobia), principalmente em relação aos animais peçonhentos e reservatórios de agentes patogênicos (ratos, cobras, gambás e a grande variedade de insetos). Curiosamente, filhotes de espécies potencialmente perigosas são apreciados, pois eles exibem características morfológicas e comportamentais que "disparam" o comportamento afetivo nas pessoas. Isto ocorre com filhotes de mamíferos de grande porte (tigres, leões, ursos e outros). A longa convivência com o homem ressaltou tais características nos cães, principalmente no que diz respeito ao comportamento afiliativo (brincadeira, as lambidas na face e o abanar da cauda na presença de pessoas conhecidas). Agindo desse modo, os cães garantem abrigo, segurança e fornecimento de alimento e, como retribuição, eles tornam o ambiente doméstico mais alegre e avisam os moradores sobre a presença de estranhos.

A história de que o cão é o "melhor amigo do homem" é recente, mais circunscrita ao ambiente urbano. As três religiões do deserto (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) não vê com bons olhos a proximidade do homem com estes animais, pois agrupam os cães na categoria de animal impuro – para os muçulmanos é uma heresia o apego aos animais domésticos, pois imaginam que isto subtrai a devoção que deveria ser alocada a Deus e aos familiares. Homens e animais pertencem a categorias distintas. Cães eram associados à figura de Belzebu e até hoje as pessoas usam a expressão "filho do cão" para designar alguém de má índole. A aversão do homem antigo em relação à proximidade com os cães era devido ao fato que eles são reservatórios de doenças infecto-parasitárias (raiva, leishmaniose, brucelose, sarna e infestações parasitárias), sem contar que eles atraem organismos ainda mais perigosos ao homem (roedores, cobras, pulgas e carrapatos).

Um fenômeno curioso ocorre no campus da UFSC: ele virou um depósito de vira-latas, muitos com sérios problemas de pele (sarna e infestação de piolhos), subnutridos, velhos e que escolheram como abrigo as cercanias do Restaurante Universitário. Alguns são fêmeas grávidas (depósitos ambulantes de vermes e ectoparasitos) que são "gentilmente" alimentadas por alunos, funcionários e até mesmo por professores, algo que contribui para o aumento populacional da cachorrada. Alguns deles atacam os transeuntes, principalmente quando eles são acordados ao amanhecer. Eles brigam entre si para a divisão do repasto ou quando percebem a presença de um novo cachorro no campus; o barulho e as perseguições assustam os transeuntes. Algumas cidades impõem restrições à presença de cães nas praias (fezes e urina contêm elementos patogênicos) e exigem o uso de focinheira para evitar acidentes quando o proprietário passeia com seus *pets* de grande porte. O grande número de vira-latas na UFSC tem ocasionado ataques aos incautos que circulam em torno do RU e Centro e Convivência; eles limitam a circulação de pessoas e, mais grave ainda, representam um grave problema de saúde pública.

Rogério F. Guerra

Professor-Titular do Departamento de Psicologia/UFSC

Foto: Arquivo Agecom



O que a UFSC faz para viabilizar um Plano de Saúde

É notório o anseio dos servidores docentes e técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina por um plano de saúde alternativo ao Sistema Único de Saúde-SUS para atender às necessidades no que se refere à prestação de serviços médico/hospitalares, e que seja condizente com o seu poder aquisitivo. Neste sentido, a Administração Central da UFSC vem esclarecer os procedimentos até agora adotados, no sentido da implantação efetiva de um plano de saúde para os servidores e seus dependentes.

A partir da posse da atual Administração da UFSC, o reitor encaminhou solicitação à ANDIFES no sentido de pressionar o Ministério da Educação para a implantação de um plano de saúde aos servidores das IFES. Disso resultou um documento oficial dos dirigentes de universidades, cobrando a implantação de um plano de saúde atendendo ao Decreto Presidencial n. 5.010/04, e que foi entregue pessoalmente ao Ministro da Educação. No âmbito interno o reitor designou, através de Portaria, Comissão de Trabalho destinada à elaboração de estudos técnicos e legais e apresentação de propostas de cobertura para um plano de saúde aos servidores da UFSC. Essa portaria previa a participação efetiva da Administração Central da UFSC, bem como de representantes da APUFSC e do SINTUFSC.

Assim, conforme determinado, em 31 de janeiro de 2005 a Comissão entregou ao reitor da UFSC os resultados do referido estudo. Naquela oportunidade, o reitor manifestou o interesse para que os membros dessa Comissão integrassem uma nova comissão, agora com o objetivo de implantação efetiva do plano proposto, a partir de contatos com as possíveis operadoras de Plano de Saúde em Santa Catarina. Esta nova Comissão teve a participação da Administração Central da UFSC e da APUFSC, tendo em vista o SINTUFSC haver declinado da participação (Ofício 028/Sec/SINTUFSC/05).

A partir daí a nova Comissão realizou uma análise do mercado de empresas prestadoras de serviços relativos a planos de saúde no Estado de SC e que possuam registro nos órgãos competentes. A conclusão foi que somente a UNIMED e a GEAP teriam condições de atender ao plano de saúde proposto, tendo em vista a complexidade dos serviços a serem prestados, do grande número de servidores e dependentes envolvidos (18.500 pessoas no total) e da rede de atendimento desejável no Estado. Na seqüência, a Comissão solicita ao GEAP e à UNIMED que enviem propostas financeiras para implantação do plano proposto, realiza a análise das mesmas e conclui pelo GEAP como o mais vantajoso ao servidor. Diante da conclusão dos trabalhos, o reitor da UFSC opta pela adesão ao GEAP, enviando correspondência (ofício 138/GR/2006 de 06/04/2006) àquela operadora de saúde, demonstrando interesse na assinatura de um Termo de Adesão.

Este Termo não significava ainda a contratação efetiva do plano de saúde, e sim a intenção, uma vez que a Administração da UFSC decidiu, em conjunto com a Comissão, que somente após a aprovação jurídica do GEAP, iria conversar com os servidores docentes e técnico-administrativos, para a decisão final. Paralelo a isto, o Congresso Nacional aprova em 19/04/2006 a MP 272, que facilita a assinatura de contratos dos órgãos públicos da Administração Direta com operadoras de saúde, porém estabelece 180 dias para a Agência Nacional de Saúde-ANS definir os critérios para a adesão. Assim sendo, o GEAP informou à UFSC que há a necessidade da formalização desses critérios por parte da ANS, para posterior assinatura de possível adesão junto a nossa Instituição. Em 14 de novembro de 2006, a Agência Nacional de Saúde edita a Resolução RN 137, que dispõe sobre as entidades de autogestão no âmbito do sistema de saúde suplementar.

Na seqüência, o Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão emite a Portaria n.1.983, de 05/12/2006 que estabelece orientações aos órgãos de SIPEC sobre a assistência à saúde do servidor e, dentre outras disposições, determina que haverá um valor de contrapartida por parte dos órgãos e entidades do SIPEC, em dotação específica consignada nos respectivos orçamentos, bem como dos próprios servidores. Em 12/02/2007, o Coordenador Geral de Seguridade Social e Benefícios do Servidor/MP, através de um despacho, confirma ao SINTESPB que haverá no orçamento geral da União provisionamento do valor de contrapartida, porém indicando que caberá a cada Instituição gerir a matéria junto ao Ministério da Educação. Assim sendo, a UFSC (que já providenciou rubrica para plano de saúde desde 2004), em sua proposta orçamentária enviada ao MEC em maio de 2007, fez o provisionamento dos respectivos valores de contrapartida para o ano de 2008, mantendo até a presente data gestão junto ao MEC para a consecução do referido orçamento.

Como visto, as questões relativas ao assunto tão importante para os servidores da UFSC estão sendo encaminhadas de forma ininterrupta, a partir de critérios técnicos e legais preestabelecidos e com o zelo que a matéria requer. Para concluir, informamos que a UFSC está entre aquelas instituições com o processo mais adiantado em termos de universidades federais (exceto quatro que já possuem plano) para a implantação de um plano de saúde, servindo inclusive de modelo na esfera da ANDIFES.

A Administração Central da UFSC reitera o compromisso de um amplo debate com as entidades representativas dos servidores docentes e técnico-administrativos em relação à decisão final sobre o melhor plano a ser contratado.

Luiz Henrique Vieira Silva

Pró-Reitor de Desenvolvimento Humano e Social

Departamento de Desenvolvimento de Atenção Social e à Saúde

Violência coloca em xeque a idade penal

Reduzir a idade penal é solução para a violência? Seria o Estatuto da Criança e do Adolescente muito tolerante? Ou os adultos são co-autores dos crimes praticados por crianças e adolescentes?

José Antônio de Souza
Jornalista na Agecom

Crianças, idosos e qualquer cidadão de bem não são poupados da ação de bandidos na maioria das cidades no Brasil. A violência que se registra no país, com atuação livre e audaciosa dos criminosos, atinge membros importantes do poder judiciário, do executivo, artistas, empresários e pessoas comuns. Os bandidos, sabendo da sua impunidade, afrontam até mesmo a autoridade policial. Em alguns estados, sair de casa fardado para trabalhar é a mesma coisa que assinar previamente seu atestado de óbito. As delegacias e os quartéis vivem sendo bombardeados, mantendo aprisionados delegados, coronéis e agentes.

Os marginais conhecem a legislação brasileira tanto quanto seus advogados e se utilizam das suas brechas para escaparem das prisões. Uma delas é o "investimento" nos menores infratores para a prática de homicídios ou de crimes considerados hediondos, na certeza de que a lei do menor e do adolescente vai livrá-los da cadeia. Diante dos fatos e da inércia do poder público, a população exige dos parlamentares providências. Por conta disso, o país discute fórmulas de resolver o problema e uma delas é a redução da idade penal. A maioria penal fixada em 18 anos é definida pelo artigo 228 da Constituição. É a idade em que, diante da lei, um jovem passa a responder inteiramente por seus atos, como cidadão adulto. É a idade-limite para que alguém responda na Justiça de acordo com o Código Penal, já que pela legislação atual um menor é julgado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A respeito desse assunto jornais

têm publicado artigos, reportagens, enquanto que a população se manifesta através de cartas, entrevistas e protestos nas ruas das grandes cidades. Várias tentativas de parar a onda de agressões que se espalham no país estão sendo tentadas, embora pareçam *band aid* colocado sobre ferimento provocado por tiro de escopeta. Uma dessas pérolas saiu do presidente Lula, que anunciou a criação de emprego para jovens de 18 a 24 anos, enquanto deu ordens para sua tropa de choque abafar o discurso sobre a redução da idade penal. Ele recomendou que "nada seja feito na base da comoção". Enquanto isso, o presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia, propõe a manutenção da idade e o aumento do tempo de internação dos infratores.

Os que defendem a redução da maioridade penal acreditam que os adolescentes infratores não recebem a punição devida e que o Estatuto da Criança e do Adolescente é muito tolerante, não intimidando os que transgridem a lei. O argumento é de que se com 16 anos a pessoa tem discernimento para votar, também pode responder por seus crimes.

Mas a antropóloga Paula Miraglia, Diretora Executiva do Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção de Delito e Tratamento do Delinquente, pensa diferente. Em artigo publicado em jornal de circulação nacional, defende a manutenção da idade penal, mas quer o aprimoramento e a valoriza-



ção do trabalho policial, a garantia de que os autores de crimes sejam punidos e maior velocidade na Justiça, assim como reforma no sistema prisional e medidas para prevenir e combater a criminalidade. A CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado aprovou no último 26 de abril, em votação apertada, por 12 votos a 10, a PEC (Proposta de Emenda Constitucional) que reduz de 18 para 16 anos a maioridade penal no país. O texto, que é do senador Demóstenes Torres (DEM-GO), propõe a redução, mas estabelece o regime prisional somente para jovens menores de 18 anos e maiores de 16 que cometerem crimes hediondos.

A professora Magda do Canto Zurba, do Departamento de Psicologia da UFSC afirma que reduzir a idade penal é um retrocesso histórico para o país. Os adultos são co-autores no ato infracional de uma criança ou adolescente, pois é de nossa responsabilidade cuidar das condições

sociais da educação, do sistema econômico etc. Se o ato infracional é cometido por alguém tão jovem isso significa que é de nossa responsabilidade cuidar da reeducação desse sujeito, ou seja, que a culpa não é só dele, mas nossa também, do sistema bancário, da CPMF, das escolas, da polícia, da desorganização social em que vivemos. A professora garante que o adolescente infrator é muito mais vítima desse sistema do que um criminoso imparcial.

Reduzir a idade penal, salienta a professora, serviria apenas para eximir da culpa o resto da sociedade, e colocar a responsabilidade desse ato somente no jovem. "Isso não é solução, não é reeducação. Ninguém está discutindo sobre como recuperar esse sujeito, coisa que a psicologia poderia ajudar, mas apenas em como reprimi-lo, isolá-lo, encarcerá-lo em uma fábrica de bandidos que se tornaram os presídios brasileiros", afirma.

Curitibanos será sede de campus

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Uma audiência pública realizada esta semana em Curitibanos, no meio-oeste catarinense, deu prosseguimento ao processo de implantação de um campus da Universidade Federal de Santa Catarina naquela região. Cerca de 800 pessoas, entre autoridades municipais, empresários, agentes comunitários e de clubes de serviço, parlamentares e representantes de partidos políticos, estiveram presentes. "Foi uma participação absolutamente admirável", disse o reitor da UFSC, Lúcio Botelho, que coordenou o encontro.

O reitor destacou sobretudo a presença dos três senadores catarinenses, sendo que Raimundo Colombo esteve representado pelo deputado Onofre Agostini, que é da região. A próxima etapa é uma reunião com o ministro da Educação, Fernando Haddad, para apresentar detalhes específicos do projeto. Em seguida, um grupo técnico se deslocará até Curitibanos para escolher o local onde o novo campus será instalado. E a fase posterior será a definição dos cursos a serem implantados

na cidade. "Para isso, vamos discutir os arranjos produtivos locais e as vocações da região", adianta o reitor da UFSC.

Atendendo ao recém-lançado Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que prevê a aplicação de R\$ 1 bilhão apenas este ano para aumentar e qualificar o acesso à educação no País, a UFSC implantará três campi em diferentes regiões do Estado. O campus de Araranguá já está em obras, enquanto o do norte catarinense se encontra na fase da definição do município que será sede do novo pólo universitário. Concorrem a ser sede do campus o trevo das BR 101 e 280, próximo a Araquari, e a cidade de Jaraguá do Sul. "Já temos recursos alocados para os três projetos, e acredito que até o ano de 2010 as novas universidades já estarão funcionando", afirma o reitor Lúcio Botelho.

Ainda dentro do PDE, está programada a aplicação de R\$ 35 milhões na implantação de institutos federais de educação tecnológica nos municípios de Canoinhas, Gaspar, Lages, Itajaí, Videira, Criciúma e São Miguel do Oeste, onde 12 mil vagas serão criadas. Em todo o Brasil, 150 escolas desse tipo devem ser instaladas dentro dos próximos quatro anos.

Memória de pólo tecnológico em livro

Projeto cultural da Redactor Comunicação, aprovado pela Lei Rouanet, está documentando a cronologia de desenvolvimento do Pólo Tecnológico da Grande Florianópolis, cuja origem está fortemente vinculada à própria história e à contribuição da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa, em estilo jornalístico e visando a um eclético público estadual e nacional, resultará num livro a ser lançado ainda em 2007, e que pode-

rá contar com o selo da Editora da Universidade. O patrocínio parcial do projeto é do BRDE e da Eletrosul. A coordenação geral é do jornalista Mário Xavier. Atualmente existem cerca de 300 estabelecimentos produtivos no Pólo, a maior parte de micro, pequeno e médio porte, sendo que a grande maioria dos empreendedores e funcionários qualificados das empresas é egressa de cursos de graduação ou pós-graduação da UFSC.

Foto: Jones João Bastos

Foto de um laboratório da UFSC, em 1983: tecnologia em serviço do conhecimento



Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Bem antes do lançamento do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), em abril, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a UFSC já tinha dado início à descentralização e interiorização de suas unidades e a um projeto de ensino a distância para capacitar professores em todo o Estado. Esse pioneirismo da Universidade ajudará o governo central a atingir a meta de implantar mil pólos de formação de mestres no País até o ano de 2010, numa parceria entre as universidades e as prefeituras. O reitor Lúcio Botelho, que esteve presente na solenidade de oficialização do programa, em Brasília, disse que esta reciclagem fixará os profissionais em suas cidades, evitando a migração de talentos para os grandes centros e regiões metropolitanas.

O governo federal vê o PDE como um instrumento capaz de desencadear uma nova e promissora fase na educação brasileira, a partir de um investimento previsto de R\$ 1 bilhão ainda no primeiro ano. Considerado o mais arrojado programa do setor, ele poderá alavancar o crescimento do País, democratizar o acesso ao conhecimento e valorizar o que o presidente Lula chamou, na cerimônia de lançamento, de mérito da "elite da competência e do saber", ao invés da "elite do berço e do sobrenome".

Chamado de PAC da Educação, em referência ao programa de medidas econômicas criadas para apressar o desenvolvimento do País, o PDE prevê o aumento do número de vagas nas universidades públicas – hoje limitadas a 580 mil –, o estabelecimento de um piso salarial de R\$ 850,00 para 40 horas semanais para professores da rede básica e a criação de escolas técnicas em cidades-pólo. Em Santa Catarina, está programada a aplicação de R\$ 35 milhões na implantação de institutos federais de

educação tecnológica nos municípios de Canoinhas, Gaspar, Lages, Itajaí, Videira, Criciúma e São Miguel do Oeste, onde 12 mil vagas serão criadas. Em todo o Brasil, 150 escolas devem ser instaladas dentro dos próximos quatro anos.

Outro ponto previsto pelo PDE é a possibilidade de aumentar a oferta de cursos noturnos nas universidades públicas, aproveitando o espaço ocioso nas instalações de alguns centros e departamentos. Não menos importante é o estímulo à produção de conteúdos didáticos digitais, que receberá R\$ 75 milhões, a partir de edital a ser lançado pelo MEC e Ministério da Ciência e Tecnologia. O plano também acena com mais verbas para o transporte escolar, para o crédito educacional e para a criação de creches e pré-escolas públicas.

Na tentativa de evitar que os doutores saiam do País, o PDE prevê a criação do Programa Nacional de Pós-doutorado, concedendo a cada bolsista R\$ 3.300,00 mensais, mais um suporte de R\$ 12 mil anuais, para a compra de insumos e materiais. O plano pretende ainda aumentar o acesso a obras literárias através do Programa Nacional Biblioteca da Escola, que alcançará mais de 7,7 milhões de alunos em todo o País.

Como o PDE contempla todos os níveis de ensino, a informatização das escolas públicas é outro item que poderá melhorar a qualidade da formação básica e, portanto, de quem chega às universidades. Serão instalados laboratórios de informática em todos os estabelecimentos públicos até 2010. Numa segunda etapa, virão as escolas urbanas de 5ª a 8ª séries com mais de 200 alunos e todas as escolas rurais de com mais 50 estudantes. A meta é alcançar, com a informatização, 130 mil escolas até o final de atual gestão, com investimento total de R\$ 650 milhões.

Foto: Cláudia Schaub Reis



Integrantes da Andifes se reuniram na UFSC, nos dias 10 e 11, e elegeram novo presidente no dia 18, em Cuiabá

Reforçar a unidade e, a partir daí, aumentar a participação da Andifes na discussão das políticas de educação no País. Essas duas metas, aliadas a uma série de outros itens que compõem o planejamento da entidade, vão nortear os próximos passos da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, que elegeu no último dia 18 o reitor da Universidade Federal de Uberlândia, Arquimedes Diógenes Ciloni, como presidente para o biênio 2007/2008.

A eleição, por unanimidade, ocorreu em reunião realizada em Cuiabá (MT), quando também houve a despedida do ex-presidente Paulo Speller, reitor da Universidade do Mato Grosso. Uma semana antes, os reitores tiveram um encontro na UFSC, em Florianópolis, onde decidiram reativar o Instituto Andifes e rearticular a Frente Parlamentar em Defesa da Universidade Pública.

"Mesmo sem ser da área de governo, a Associação precisa acompanhar de perto o trabalho dos executores das políticas públicas de educação superior", disse o reitor da UFSC, Lúcio José Botelho, ao final do encontro do diretório nacional em Florianópolis. A Andifes também quer ter voz ativa na implementação do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDA), lançado em abril pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A reativação do Instituto, diz Lúcio Botelho, faz parte desse processo que almeja tornar mais efetiva a presença da Andifes nas decisões políticas para a área da educação no Brasil. A opinião é compartilhada pelo

ex-presidente Paulo Speller, que ainda no exercício do cargo observou que "as demandas e o papel da Associação têm assumido dimensão política cada vez maior, o que nos leva a melhorar a sua estrutura técnica e administrativa".

O novo presidente da entidade, Arquimedes Ciloni, assumiu com o compromisso de respeitar o planejamento proposto pela diretoria executiva anterior. Uma das metas é encomendar um estudo e proposta de ação das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) para a melhoria da educação básica, estimulando a parceria das mesmas com estados e municípios. Também está entre as prioridades da Andifes o incentivo ao debate e à troca de experiências sobre formas de acesso ao ensino superior, bem como sobre os currículos, os cursos e as profissões.

Constam ainda do planejamento da Associação a luta pela conservação do caráter público e estatal das Ifes e da gratuidade do ensino, a preservação da independência frente aos governos e corporações e a defesa de soluções para as pendências conjunturais e emergenciais da Ifes, de modo a favorecer o processo da autonomia.

Não menos importante, segundo documento que norteou os debates em Florianópolis, é que a Andifes preserve sua condição de interlocutora, junto à sociedade, à comunidade, às entidades sindicais e estudantis e aos poderes Executivo e Legislativo, para a defesa dos interesses institucionais e das missões públicas das Ifes (**PCS**).

Trabalhadores em campanha salarial

Paulo Liedtke - Agecom

Embora a Federação dos Sindicatos das Universidades Brasileiras – Fasubra – tenha aprovado indicativo de greve dos servidores técnico-administrativos a partir do dia 28 de maio, será realizada nova assembleia neste dia 30, às 14h, no auditório do Hospital Universitário. No plano de reivindicações está a correção da tabela salarial da categoria, visando alterar o piso salarial em todas as classes.

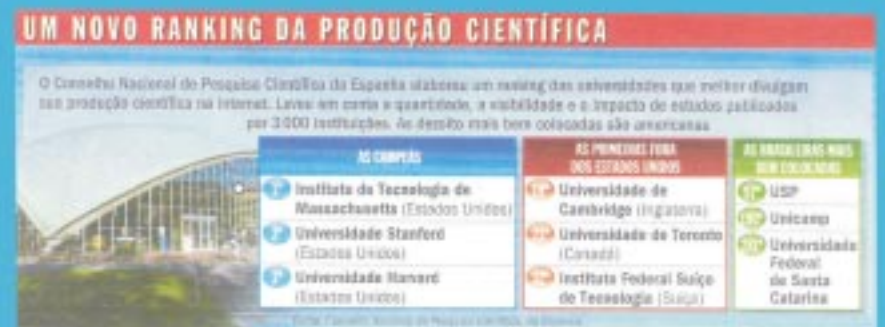
A Fasubra incorporou a proposta apresentada no I Fórum dos Técnicos de Nível Superior da UFSC, ocorrida em agosto de 2006, quando a categoria formulou uma nova tabela salarial para corrigir distorções em todas as classes. Posteriormente aprovada em Assembleia Geral do Sintufsc, em setembro do mesmo ano, a proposta foi submetida à Fasubra que passou a incorporá-la no plano de lutas dos servidores das IFES. O piso salarial proposto varia de R\$ 1.050,00 (3 salários mínimos) para a classe A até R\$ 3.500,00 (10 salários mínimos) para a classe E. As conquistas dependem da luta dos trabalhadores no embate com o governo federal.

Mobilização - Os servidores Técnicos de Nível Superior (TNS) da UFSC estão mobilizados desde o ano passado para corrigir distorções no Plano de Carreira para as Instituições Federais de Ensino (IFES), instituído em 2005 pela Lei no. 11091. Consideram que houve um achatamento no vencimento dos servidores da classe E, sem perspectivas de progressão na carreira.

A categoria acredita que foi discriminada em relação aos servidores de nível superior de outras instituições federais, cujo vencimento inicial e para o final de carreira atinge o dobro da atual remuneração. O incentivo à qualificação igualmente ficou rebaixado para os técnicos na área de Educação: as gratificações variam de 10%, 15% e 25% respectivamente para Especialização, Mestrado e Doutorado contra percentuais de 25 a 105% para os trabalhadores na área de Ciência e Tecnologia.

Segundo Raquel Moisés, o Sintufsc vem apoiando as reivindicações dos TNS, pois as propostas foram incorporadas no plano nacional através de articulações com a Fasubra. A luta do sindicato é corrigir distorções em todas as categorias salariais da UFSC. Como forma de apresentar à comunidade universitária o andamento das discussões foi criado o site <http://www.grupo.tns.ufsc.br>. Outras informações podem ser acessadas na página do sindicato: www.sintufsc.ufsc.br.

Veja! - A revista *Veja* destacou, em sua edição de 25 de abril de 2007, que uma das universidades que melhor divulgam sua pesquisa científica pela internet é a UFSC. A pesquisa foi feita pelo Conselho Nacional de Pesquisa Científica na Espanha e abrangeu mais de 3 mil instituições no mundo todo. A UFSC ficou em 281º lugar mundial e 3º no Brasil.



A CIÊNCIA TRAZ O POVO À UFSC

Realizada de 16 a 19 de maio, a 6ª edição da Sepex trouxe mais de 45 mil visitantes à UFSC, a fim de conhecer as últimas pesquisas e trabalhos desenvolvidos em tecnologia, saúde, línguas, educação, agricultura, e tantos outros ramos do conhecimento

CIÊNCIA E CULTURA

A UFSC proporcionou à população uma agenda cultural diversificada e peculiar de 16 a 19 de maio. Quem esteve no campus universitário nesse período viu shows musicais e de dança, pôde visitar a feira de livros das editoras universitárias e ao mesmo tempo conhecer projetos da universidade nas áreas de tecnologia, meio ambiente, saúde, direitos humanos, comunicação, cultura e educação. Tudo concentrado em uma lona de quase 4 mil metros quadrados, montada na Praça da Cidadania, em frente à reitoria, para a 6ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC.

Professores, estudantes e servidores se revezaram em mais de cem estandes para contar aos visitantes o que fazem - o que estudam, o que pesquisam e como essa produção é levada para fora da universidade por meio das atividades de extensão. Mais uma vez a Semana mostrou a diversidade da UFSC, que ocupa o terceiro lugar entre as instituições de ensino e pesquisa mais produtivas do País - caracterizada também por ser uma universidade extensiva, por levar essa produção para além de suas fronteiras físicas.

DESAFIO DE COMUNICAÇÃO

Além de demonstrar trabalhos no campo da pesquisa (o desenvolvimento de alternativas para tratamento de esgoto residencial é só um exemplo), o evento é opção de lazer. Um momento cultural para a família e um exercício de comunicação para a comunidade universitária, que tem como desafio traduzir o discurso acadêmico e se fazer entender pelo público visitante.

"Aqui nós estamos mostrando como trabalhamos com o ar e com a água. No esgoto tem bichinhos que não dá para ver, só no microscópio, e se a gente der oxigênio eles comem o esgoto para que a gente possa devolver a água para o rio", explicou a professora Rejane Helena Ribeiro da Costa, do Laboratório de Efluentes Líquidos e Gasosos, para os lobinhos do Grupo de Escoteiros Desterro, sentados na frente de seu estande. "Como é que suporta?", pergunta o menino sobre um ácido dentro de um pote de plástico, encontrando nas explicações palavras que aguçavam sua imaginação.

Pouco antes, também na área de meio ambiente, o repórter Fabrício Escandiuzzi, do Portal Terra, ficava surpreso com a diversidade de espécies que dependem das belas bromélias. Em um estande duplo, os pesquisadores de dois laboratórios do Centro de Ciências Biológicas mostravam que já catalogaram mais de 350 espécies de animais que vivem, se alimentam ou buscam abrigo nestas plantas - e estão descobrindo novas espécies, que pela primeira vez serão descritas por especialistas.



Visitantes contemplaram bromélias e conheceram seu ecossistema



O Núcleo de Estudos da Terceira Idade destacou a cultura e o folclore catarinenses



A 6ª Sepex atraiu a comunidade ao campus nos quatro dias, inclusive no sábado



Estande do LabCET expôs máquinas de motores a combustão interna



O Núcleo de Pesquisas em Florestas Tropicais mostrou estudos para uso e conservação da Mata Atlântica

O QUE EU VI, OUVI E SENTI

Soraia Franzoni Conde Mestranda em Educação na UFSC

"Eu acho um momento importante para a integração da universidade e para se saber quais são as pesquisas desenvolvidas por laboratórios e departamentos. Só sabemos o que acontece em nossos Centros. Além disso, é uma integração com a comunidade, pois a universidade utiliza dinheiro público, é uma maneira de prestar contas".

Maycon Ramos Franceschetti 6ª série do ensino fundamental - Escola Básica Municipal José Marco Ribeiro

"Achei bem legal, tem bastante coisa de educação e de meio ambiente. O que eu achei mais legal foi o estande com escorpiões".

Iracema Soares de Sousa Professora do Departamento de Edu

CONTÍNUA

A CIÊNCIA TRAZ O POVO À UFSC

Fotos: Paulo Noronha e Cláudia Schaun Reis



Seu Milton, de Biguaçu, ensina todos os anos o funcionamento de um engenho de farinha



Os Colégios Agrícolas de Araquari e de Camboriú deram uma mostra de sua produção

O QUE EU VI, OUVI E SENTI

Iracema Soares de Sousa

Professora do Departamento de Educação Física da UFSC

"A Sepex permite uma visibilidade do que é produzido na universidade. O trabalho de pesquisa é silencioso e escondido. A pesquisa é dolorosa e solitária. Outra coisa que o evento permite é que a gente se encontre com colegas, coisa que o tempo de trabalho não possibilita".

Ciana Loraschi

Estudante do Curso de Farmácia

"Eu não tinha noção da dimensão das pesquisas da UFSC".

Lui Muniz Schmitt

Estudante da quinta série do ensino fundamental do colégio Anabá

"O que eu mais gostei foi o corpo humano, só tínhamos visto em livro. Ela demonstrou, aprendemos o nome das partes do corpo. Dá até pra ser bombeiro... Em cada estande a gente tem praticamente uma aula, eles explicam muito bem".

Francisco do Vale Pereira

Servidor técnico-administrativo do Museu Universitário

"Particpei desde a primeira Sepex, achei que a qualidade tanto da estrutura quanto dos trabalhos e estandes melhorou. É fundamental a universidade abrir as portas à comunidade, mostrando o trabalho que desenvolve. A feira do livro e o encontro das editoras universitárias são ingredientes essenciais para a Sepex".

Fabiana Pereira

Estagiária de Biblioteconomia da UFSC

"Estou gostando muito da Sepex, principalmente da parte de cultura, que me interessa mais. É uma pena que nem todos os professores liberem os alunos para vir aqui. Muitas pessoas não ficam sabendo das pesquisas da universidade porque não têm contato com elas, e aqui há essa possibilidade".

PESQUISA E EDUCAÇÃO

Na área de meio ambiente o visitante ainda conheceu o trabalho da Sala Verde, que trabalha com educação ambiental em escolas, e como a universidade desenvolve conhecimento que pode colaborar com o uso econômico das florestas - preocupação que agora ganha atenção da imprensa em função do aquecimento global (uma das necessidades prementes é frear o desmatamento).

Do outro lado da lona, na seção de tecnologia, era apresentado um campo de pesquisa atualmente relacionado com aquecimento global - mas que há anos é preocupação de professores e estudantes. No estande do Laboratório de Eficiência Energética em Edificações, a equipe explicava ao lado uma grande maquete o que é a casa eficiente. As pesquisas que levaram a essa construção dão suporte aos chamados "prédios verdes" que fazem bom uso da iluminação e ventilação natural, usam energias alternativas como a solar e são adaptados para coletar água da chuva e tratar os efluentes para seu reaproveitamento.

Na seção de educação, ao mesmo tempo que coletou assinaturas para construção de um museu de ciências na Via Expressa Sul, a UFSC apresentou núcleos que batalham por esta iniciativa e que já trabalham com a divulgação da ciência. Entre eles, o grupo do Planetário, o Grupo de Astrofísica, do Labidex (que com uma tenda preta chamou atenção na Sepex e explicou fenômenos da física) e do Quimidex (que perfumou a lona da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão e mostrou como a química é interessante e está presente nos aromas, tão importantes em nossa percepção do mundo). Ainda na área de educação, o visitante podia optar por saber mais sobre o vestibular ou as atividades de estágio, que introduzem o estudante no mercado de trabalho, sobre o trabalho do Labrinca, laboratório que a partir de brincadeira estimula o desenvolvimento infantil e sobre o trabalho do Colégio de Aplicação, que entre diversas outras atividades desenvolve metodologias para o trabalho de alfabetização e de integração social da criança com paralisia cerebral. No estande institucional o visitante também pôde conhecer o trabalho da UFSC no campo da educação a distância.

INFORMAÇÃO, EMOÇÃO E DEBATES

Tudo isso em volta de um palco para shows com adultos e crianças (os pequeninos do Núcleo de Desenvolvimento Infantil e os idosos do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC são sempre motivo de emoção) e de corredores com mais de mil banners

explicativos sobre projetos de ensino, pesquisa e extensão. Nestes painéis foi possível conhecer projetos como o que adapta clássicos do latim para o público infantil; o que permitiu o estudo sobre parasitoses em uma escola do Norte da Ilha; outro de análise do ambiental da Lagoa Pequena, no Rio Tavares - apenas três exemplos no mundo de informações, assuntos e diferentes abordagens que representaram os diversos setores da UFSC na forma de banner.

Do lado de fora da lona principal o visitante pôde conhecer o trabalho dos Colégios Agrícolas da UFSC, comercializando sua produção de hortaliças, queijos, conservas e carnes defumadas. Também fora da lona principal aconteceram mais de 200 minicursos gratuitos e debates sobre temas de grande importância atual, como o modelo energético do país, proposto na agenda da Sepex pela Associação de Professores da UFSC (Apufsc) com apoio do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), da Federação de Entidades Ecologistas Catarinenses (FEEC) e da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão (PRCE).

Além de estande duplo, a contribuição da UFSC na discussão do Plano Diretor de Florianópolis ganhou um dia de discussões no maior auditório da universidade, o do Centro de Cultura e Eventos. Com uma programação organizada em seis palestras, a "I Jornada A UFSC e o Plano Diretor de Florianópolis" procurou mostrar o que a universidade tem a oferecer para as discussões sobre a cidade. "A própria Sepex é uma mostra do que nós produzimos e contribuimos para a sociedade", destacou na abertura da jornada a professora Eunice Nodari, pró-reitora de Cultura e Extensão.

A Sepex também foi espaço de troca de idéias e debate sobre o trabalho das editoras universitárias, o papel do livro como "instrumento de prazer", a formação de acervos e a política de aquisição de livros de bibliotecas universitárias - assuntos presentes na programação da XX Reunião Anual da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), realizada no mesmo período.

"Esta é a melhor forma para fazer a população defender a universidade pública: mostrar o que faz", resume o secretário regional da SBPC, Mário Steindel, sobre a Sepex. Na abertura do evento, o reitor da UFSC, professor Lúcio José Botelho, lembrou que a Semana começou como uma pequena mostra cultural, mas se tornou o principal espaço de interação social da instituição. Destacou também que a Sepex não é apenas espaço de demonstração, mas um ambiente de troca onde nascem novos projetos - um momento de exposição e de retroalimentação para a universidade.

A CADA ESTANDE, UM NOVO MUNDO

Passear pela 6ª Sepex significou entrar em contato com diversos mundos apresentados por estudantes e professores. Por alguns deles o Jornal Universitário passou, parou, observou, e conta aqui:

O mundo lúdico

Fotos: Paulo Noronha e Cláudia Schaun Reis



INFORMAÇÕES PARA GRANDES E PEQUENOS - Basta uma pequena caminhada entre os estandes da 6ª Semana de Ensino Pesquisa e Extensão da UFSC para que o visitante perceba uma agitada e numerosa presença. São as crianças. Acompanhadas pelos pais ou trazidas pelos professores, elas se divertem ao mesmo tempo em que vão tomando os primeiros contatos com o ambiente universitário, de pesquisa, de ensino, de cultura.

"É muito divertido e interessante para elas. As crianças são cheias de curiosidade pelo mundo e a Sepex vai ao encontro dessa curiosidade.", diz Gilka Girardello, professora do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC e mãe de Nora que, aos sete anos, já é uma "veterana" em Sepex. Este ano, as duas conheceram um projeto sobre tratamento de esgoto e outro sobre técnicas de ressuscitamento. "Agora a gente está procurando as minhocas, que foi o que ela mais gostou de ver no ano passado."

O minhocário do projeto Reciclagem Orgânica da Família Casca é realmente uma das atrações preferidas das crianças. A estudante de Agronomia Mônica Leite explica que o projeto estimula o contato das crianças com as plantas e com os animais. De uma centopéia feita de garrafas PET, os pequenos são apresentados a uma centopéia de verdade. "Muitas delas têm medo, principalmente as que moram em apartamento e acabaram se afastando do contato direto com esses animais."

A Família Casca também foi o projeto preferido de Bruno, nove anos. O processo de compostagem de resíduos orgânicos, entretanto, não é nenhuma novidade para o menino. A mãe, Carla Amorim, conta que eles já fazem isto em casa. Para ela, a Sepex é uma forma de reforçar essa consciência ambiental. "Eles têm que ter contato com projetos que lidam com a natureza. É importante para o futuro deles."

ALFABETIZAÇÃO ESPECIAL - Professores do Colégio de Aplicação demonstraram na Sepex alternativas pedagógicas para o processo de alfabetização de crianças com paralisia cerebral. Os trabalhos são desenvolvidos a partir do projeto "Um caminho diferente para aprender a ler e escrever". Com materiais adaptados, como letras, sílabas, palavras, números, jogos, material de contagem, gravuras e cenários, produzidos para realizar o trabalho pedagógico em sala de aula e imantados para serem utilizados em placas de metal, o grupo mostrou que o desafio é criar condições para que as crianças sejam incluídas na escola e na sociedade, tendo suas singularidades e diferenças respeitadas. "Isso não significa ignorá-los ou colocá-los em sala regular e esperar que eles aprendam pela proximidade com colegas da mesma idade, mas oferecer condições de acesso, permanência e possibilidades de sucesso educacional, já que a função social da escola está relacionada à apropriação do conhecimento", alerta a professora Mariza Campos, uma das integrantes do projeto.

O MUNDO INTERNO E O MUNDO EXTERNO

SAÚDE - Com diversos modelos do corpo humano, o estande do Departamento de Enfermagem chamou a atenção de quem passava pela área de saúde da 6ª Sepex - especialmente de pais e crianças que puderam receber explicações sobre o parto natural, o parto de cócoras e a reanimação de uma pessoa com parada cardíaca a partir de massagens. Também na área de saúde o visitante recebeu mudas de plantas medicinais e explicações sobre seu uso, no estande do Projeto Farmácia Viva Itinerante. O trabalho foi apresentado pelo grupo do Horto de Plantas Medicinais, que fica atrás do Centro de Ciências da Saúde. O local possui cerca de 250 espécies de plantas medicinais. Há também temperos, plantas alimentícias e tóxicas - um local didático para alunos dos cursos de Enfermagem e Medicina.



O MUNDO DAS LEIS

MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA - Com um estande na seção de direitos humanos, o Centro de Ciências Jurídicas esclareceu durante a Sepex o que é a mediação comunitária. O método é antigo, mas ainda pouco conhecido. O procedimento alia rapidez, sigilo e menor custo para as partes envolvidas. Embora não tenha um prazo para terminar, a resolução dos casos não ultrapassa 60 dias. A partir desse processo o Núcleo de Mediação Comunitária auxilia a comunidade a resolver conflitos judiciais e atende pessoas que têm dificuldade para pagar o trabalho de um advogado. Os interessados, geralmente encaminhados pelo Escritório Modelo de Assistência Jurídica da UFSC, passam por uma triagem que avalia as condições socioeconômicas. Além de prestar esse serviço de extensão, o Núcleo é um importante espaço de ensino e formação profissional dos estudantes de Direito, além de receber estudantes de outros cursos interessados na área. Mais um exemplo de extensão e ensino integrados nas ações da UFSC.

O MUNDO DO OUTRO

CULTURA INDÍGENA - Ensino, pesquisa e extensão são representados pelo trabalho do Laboratório de História Indígena (Labhin), que apresentou na Sepex a história e a cultura dos índios Kaingáng, na seção de educação. A equipe mostrou livros e vídeos desenvolvidos em parceria com a Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê, localizada na Terra Indígena Xaçupé, no município catarinense de Içara. O lançamento dos livros é feito na Terra Indígena Xaçupé e parte das publicações é distribuída para as escolas indígenas e outras escolas da região. A temática dos projetos é elaborada a partir da necessidade dos indígenas em registrar suas histórias. Um dos destaques é a publicação 'Jogo de Memória Kaingáng', um instrumento de troca cultural entre as crianças que foi desenvolvido com o objetivo de diminuir o preconceito entre as etnias. O jogo possui desenhos dos artefatos indígenas e pequenos textos em Português e Kaingáng. As ilustrações foram feitas pelas crianças da Escola Cacique Vanhkre. A publicação mais recente - 'Ouvir Memórias Contar História: Mitos e Lendas Kaingáng' - é o primeiro projeto sobre a temática indígena aprovado pelo Ministério da Educação para uma universidade federal do Sul do país. O livro é bilíngüe e traz a cultura dos Kaingáng em desenhos que retratam suas lendas e mitos.



Cobertura da 6ª Sepex:

Arley Reis (Jornalista), Celita Campos (Jornalista), José A. de Souza (Jornalista), Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista), Paulo Fernando Liedtke, Ana Carolina Dall'Agno (Bolsista), Daniel Ludwig (Bolsista), Fernanda Rebelo (Bolsista), Jéssica Limpinski (Bolsista), João Gustavo Munhoz (Bolsista), Lívia H. Freitas (Bolsista), Talita Fernandes de Jesus (Bolsista)

Os caminhos do livro

O livro eletrônico, a internet e os sites de busca vão decretar, cedo ou tarde, o fim do livro? Qual espaço terá o livro impresso a partir da transformação dos mecanismos de transmissão do conhecimento? Como as editoras universitárias podem se adequar às novas tecnologias e utilizar o meio digital para fazer chegar as obras que publicam ao leitor, que não é formado apenas pela comunidade acadêmica? Essas perguntas – e a tentativa de respondê-las – dominaram boa parte dos debates da XX Reunião Anual da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), realizada entre 16 e 19 de maio na UFSC, em Florianópolis.

O escritor Miguel Sanches Neto, que fez a palestra "O livro universitário na visão do leitor", entende que as obras de caráter técnico e que transmitem informações específicas poderão migrar para outros tipos de mídias, mas "a leitura como instrumento de prazer continuará tendo espaço, e por isso o livro será por muito tempo produzido, editado e lido dentro dos padrões atuais". Autor premiado, Sanches Neto vem de uma longa convivência com o livro, porque foi diretor da Imprensa Oficial do Estado do Paraná, tem vários romances e livros de contos publicados e hoje é professor de literatura na Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR). Ele considera o livro "um objeto perfeito, resolvido", que sobreviverá "enquanto houver a arte da palavra".

"O livro deve ser o mais portátil possível", diz Sanches, alertando para a necessidade de as editoras universitárias adotarem uma política que equilibre a informação e o entretenimento se quiserem atingir o leitor comum, que representa um mercado latente e que é o que mais consome a produção editorial do País. Ele acha que o público em geral é conservador em relação ao livro e sua apresentação e por isso critica a prevalência dos projetos gráficos luxuosos sobre o conteúdo em muitas publicações, independente da área de atuação das editoras. "Em muitos casos, a apresentação denuncia o desejo de modificar o livro, transportando-o para a linguagem da internet", destaca ele.

Conteúdo e segurança - A convivência entre o

livro impresso e o digital também foi abordada pelo professor Sérgio Luiz Prado Bellei, do Departamento de Letras da UFSC. Ele acredita que as novas tecnologias proporcionarão o surgimento de antologias e textos híbridos e afirma que internet fornece muitos conteúdos, mas isso não dá total segurança aos receptores. "O meio digital democratiza, mas a confiabilidade não é grande", alerta ele.

Distribuição conjunta - Eduardo Yasuda, da Associação Nacional de Livrarias, defendeu na reunião da ABEU a adoção de planos de distribuição conjunta dos livros das editoras universitárias e a ampliação do número de atacadistas e distribuidores para atender as redes de livrarias e as pequenas lojas, inclusive no interior dos estados mais distantes. Ele também sugeriu a elaboração de um catálogo comum, a criação de políticas de vendas para as livrarias e feiras, a elaboração de planos de mídia, em parceria com as livrarias, e pesquisas de mercado para identificar o perfil dos leitores dos livros publicados pelas editoras universitárias.

Feiras internacionais - A palestra de Armando Antongini Filho, da Câmara Brasileira do Livro (CBL), ressaltou a importância da participação das editoras universitárias em feiras internacionais. A Câmara leva os livros brasileiros para Frankfurt, Paris, Bolonha, Buenos Aires, Santiago, Guadalajara e outras cidades que realizam feiras anuais. Ele alertou, no entanto, que antes de viajar é preciso conhecer as características de cada feira e preparar material de di-

vulgação de qualidade, para sensibilizar eventuais compradores e parceiros externos. Uma vez na feira, deve-se cumprir rigorosamente os horários das reuniões e buscar parcerias que combinem com o perfil e o público de cada editora. "Nesses eventos, tudo é absolutamente profissional", diz Antongini.

Acervos das bibliotecas - A diretora da Biblioteca Central da UFSC, Sigrid Karin Weiss Dutra, falou sobre a "Formação de acervo de bibliotecas e política de aquisição de livros". Presidente da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias, ela destacou que as bibliotecas estão procurando se adequar aos novos recursos tecnológicos, como o livro eletrônico e as consultas a distância, que vêm alterando a forma de acesso ao conhecimento. Para isso, será preciso capacitar os funcionários e ser criterioso na seleção das aquisições e na adequação dos espaços disponíveis ao acervo crescente das bibliotecas universitárias.

Difusão da leitura - O secretário-executivo do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), José Castilho Neto, falou sobre o baixo índice de leitura no Brasil (1,8 livro por habitante/ano) e sobre a necessidade de criar um banco de dados sobre o setor livreiro no País. Ele disse o País está entre os oito maiores editores de livros do mundo, com cerca de 300 milhões de exemplares publicados a cada ano, e que o governo federal está destinando R\$ 767 milhões em programas de difusão da leitura em 2007.

Foto: Juliana Dal Piva



Reunião da ABEU discutiu o desafio da convivência entre o livro e a internet

As editoras marcaram presença na 6ª Sepex com a 4ª Feira Nacional do Livro Universitário



Foto: Cláudia Schaun Reis

Reunião trouxe editoras de todo o País

A possibilidade de integração entre os representantes das editoras e a discussão de temas prementes como a compra e venda de direitos autorais nas feiras internacionais, a definição de uma política nacional para o setor e a competição do livro com a internet foram destacadas pelo diretor da Editora da UFSC, Alcides Buss, como os pontos altos da XX Reunião Anual da ABEU, em Florianópolis.

Com mais de 70 inscritos, o encontro reuniu editoras de todo o Brasil e trouxe também as principais entidades do setor, como a Câmara Brasileira do Livro (CBL), a Associação Nacional de Livrarias, a Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias e o secretário-executivo do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). "Com a palestra de Armando Antongini, da CBL, é possível que as editoras universitárias comecem a obter melhores resultados nas feiras internacionais, onde a falta de experiência sempre impediu que se conseguisse vender direitos autorais", diz Buss.

Com o catálogo unificado proposta do Eduardo Yasuda, da Associação Nacional de Livrarias, espera-se também eliminar o problema de ausência dos títulos de editoras universitárias nos principais pontos-de-venda do Brasil. Em relação ao livro eletrônico, a palestra de Sérgio Bellei mostrou a possibilidade de convivência entre a tradição e a tecnologia. "O tema assusta um pouco, mas pode nos deixar mais prevenidos e com os pés no chão", diz Alcides Buss.

Ele também considerou relevantes os debates em torno da aprovação da Lei do Livro, que deve ser regulamentada em breve, do sistema de atualização dos acervos das bibliotecas universitárias e dos avanços legais alcançados na comercialização de livros pela Editora da Universidade Federal de Santa Maria (RS), que fez parceria com uma fundação da própria instituição para facilitar a emissão de notas fiscais referentes às vendas de seus produtos.

Inovações de concreto no CTC

João Gustavo Munhoz
Bolsista na Agecom

O Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Santa Catarina (EMC/UFSC) inaugurou no último dia 11 o complemento do bloco A3. A segunda ala do prédio, que foi construído em duas etapas (a primeira ala foi inaugurada em 2003), tem quatro pavimentos que somam 960 m² de área.

O espaço fica atrás dos Laboratórios de Pesquisa em Refrigeração e Termofísica (POLO), no acesso à universidade pelo bairro Pantanal. O piso térreo abriga a secretaria do departamento e no primeiro pavimento fica o Grupo de Análise e Projeto Mecânico (Grante). O Laboratório de Engenharia de Processos de Conversão e Tecnologia de Energia (Lepten), do qual fazem parte o Laboratório de Energia Solar e o de Tubos de Calor, ocupa o segundo e o terceiro pisos. O terraço da construção também é utilizado pelo Laboratório de Energia Solar.

Centro de Convivência – Antes da nova ala, o CTC inaugurou também, no mês passado, o seu Centro de Convivência. A área é uma antiga reivindicação dos estudantes e vai abrigar centros acadêmicos(CAs), uma sala de reuniões, o

almoxarifado do CTC, uma copa, um escritório para o Conselho de Entidades Estudantis do Centro Tecnológico (CETEC) e um restaurante – que ainda está em fase de licitação.

De acordo com o vice-diretor do CTC, professor Edison da Rosa, o espaço é essencial porque os CAs estavam alocados de forma precária em salas cedidas por cada departamento. "É importante que os alunos tenham um espaço de convivência, tanto no restaurante quanto nos centros acadêmicos", acrescentou.

Como o Centro de Convivência é um espaço destinado aos alunos, houve um diálogo entre as representações estudantis e a Direção do CTC desde o projeto até a conclusão da obra. O prédio foi projetado pelos integrantes do Programa de Educação Tutorial do Departamento de Engenharia Civil (PET/ECV), sob a orientação do professor Cláudio Zimmermann, seguindo as sugestões apresentadas pelos CAs.

Os recursos para a obra, estimados em cerca de R\$ 500 mil, foram adiantados pela Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (FEESC).



Novo bloco da Engenharia Mecânica (esq) e a inauguração do Centro de Convivência do CTC



Fotos: Agecom

Universidade viva

Cooperação com "los hermanos" - Mais de 250 novos "visitantes" da Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, Guatemala, México, Panamá, Peru e Venezuela estão participando dos cursos de capacitação da Escola Complutense Latinoamericana - uma proposta da Universidad Complutense de Madrid que tem o objetivo de potencializar a cooperação universitária na América Latina. A UFSC é a primeira universidade brasileira a acolher a iniciativa.

Os cursos estão sendo ministrados por 15 professores da UFSC e 18 da UCM. São capacitações nas áreas de cooperação internacional; cultura e paz e mediação; direitos fundamentais e globalização; formação de professores em espanhol como língua estrangeira, gestão de resíduos e gestão de águas na indústria, entre outras.

O diretor do Escritório de Assuntos Internacionais da UFSC - ESAI, Nivaldo Cunha, ressaltou que parcerias do gênero são uma mostra do potencial de ensino e pesquisa da universidade.

Heloísa Helena na UFSC - Ao falar no auditório do Centro de Ciências da Educação lotado sobre "As reformas neoliberais do Governo Lula e a conjuntura nacional", a ex-senadora, ex-candidata do P-Sol à Presidência da República e também professora universitária, Heloísa Helena criticou duramente o Plano de Aceleração do Crescimento do governo, classificando o PAC como um

projeto eleitoral que reserva "minguados 5 bilhões de reais para a habitação, financiados pelos trabalhadores através do FGTS".

Disse que a reforma universitária já foi feita e que o que estamos discutindo é perfumaria. Quanto à reforma da Previdência, lembrou o ganho de 82% de capital dos fundos de pensão, enquanto que superávit da seguridade social foi de 58 bilhões de reais nos últimos anos. Heloísa Helena foi a segunda candidata à Presidência da República na eleição de 2006 a visitar a UFSC em 2007. O primeiro foi o ex-senador Cristovam Buarque, do PDT.

Pós mobilizada - Os estudantes de pós-graduação da UFSC estão mobilizados para regularizar o pagamento das bolsas de mestrado e doutorado em atraso desde março. Somente na UFSC 162 mestrandos e 56 doutorandos foram prejudicados. A Capes alega que as verbas foram suspensas aos novos pesquisadores em função da reavaliação dos programas e da redefinição da política de financiamento de pesquisa. A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação está em contato permanente com aquele órgão para regularizar a situação. E a bancada do PT, na Assembleia Legislativa, já aprovou moção encaminhada ao MEC e à Capes, apelando para que seja resolvido, "com urgência, os eventuais atrasos de pagamento de bolsas de estudos".

Manual consolida e valoriza marca da UFSC

A UFSC lançou seu Manual de Identidade Visual. A apresentação do material aconteceu na Sala dos Conselhos, no prédio da Reitoria. Participaram do encontro dirigentes da UFSC e parceiros da instituição, que deverão adotar as orientações contidas na publicação.

O manual traz regras para uso do Brasão de Armas da UFSC nas diversas mídias. Com isso, a universidade espera fortalecer sua identificação e visibilidade diante da comunidade universitária e da sociedade. "Nós tínhamos problemas sérios com a padronização da identidade visual da universidade, principalmente com o emprego de desenhos, cores e proporções erradas. Agora, será possível tornar esta identidade mais concisa, mais única", explica Vincenzo Berti, do Sistema de Identidade Visual da UFSC, projeto integrado à Agência de Comunicação (Agecom).

O Brasão da universidade foi institucionalizado em 1976, a partir de uma sugestão feita pelo professor Oswaldo Rodrigues Cabral, criador do Museu Universitário. A versão atual é mais simplificada do que a primeira, com menos cores e detalhes, mas ainda remetendo aos elementos originais, que destacam a história da padroeira do Estado, Santa Catarina de Alexandria, além de valores da universidade.

A Agecom está distribuindo cópias para os vários setores da UFSC, para parceiros e fornecedores. Além disso, todas as versões corretas do Brasão e mais informações, arquivos digitais e marcas podem ser conferidos no site www.identidade.ufsc.br.



O manual traz o histórico do brasão, da bandeira, especifica tamanhos e determina as aplicações da marca da Universidade

Aula inaugural sobre BUs

Sigrid Dutra, diretora do Sistema de Bibliotecas da UFSC e Presidente da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), proferiu, em Curitiba, aula inaugural no Programa de Capacitação dos Servidores do Sistema de Bibliotecas da UFPR.

Sigrid destacou o impacto que as tecnologias na área da informação vêm causando nos diferentes serviços e atividades das Bibliotecas Universitárias, desde o planejamento das instalações físicas e do acervo informacional, os aspectos relativos aos financiamentos, até os serviços de referência e perfil dos usuários. A diretora destacou ainda o perfil do profissional que atua nas bibliotecas universitárias no atual contexto e, ainda, apresentou uma previsão do cenário das Bibliotecas Universitárias em 2010.

Ombudsman

Monitorando a mídia e a sociedade

Nesta semana em que escrevo o que será o terceiro artigo da nova seção "Ombudsman" do *JU*, a mídia internacional anunciou que "nem tudo está perdido" quanto à catástrofe do aquecimento global, e que há alternativas, sim, para a humanidade minimizar parte dos trágicos efeitos recentemente alardeados global e oficialmente para os próximos anos e décadas. Entretanto, quem dera fosse tão fácil assim, e pudéssemos acreditar que os maiores geradores de poluição do Planeta terão boa vontade e coerência para mudar suas atitudes num horizonte de curto prazo. Detalhe: por volta dos anos 90, os que se esforçavam para lançar e propor o debate em torno desse tema eram considerados via de regra "eco-chatos" e tratados, inclusive pela imprensa, como alarmistas irresponsáveis em suas divulgações "sem base científica".

Aqui em Florianópolis, a Polícia Federal investigou por nove meses, via operação "Moeda Verde", um esquema de irregularidades que colocou na cadeia, temporariamente, autoridades públicas e personalidades empresariais. Analogamente, há pelo menos 10 ou 15 anos esse tipo de situação era, de algum modo, já percebida e conhecida. Mas ninguém conseguia denunciar publicamente o que agora se tornou, pela mídia, de conhecimento estadual e nacional. Vamos continuar monitorando de perto, portanto, o que sucederá desta ação; e que conseqüências objetivas decorrerão no sentido efetivo de preservar a qualidade de vida, a sustentabilidade e a correção nos procedimentos urbanísticos ora denunciados e investigados como ilegais e nocivos ao ambiente e à coletividade.

Neste contexto, o *JU* renasceu em março com uma nova cara e um novo estilo de fazer jornalismo. Como parte da renovação e do rejuvenescimento deste veículo que já está em sua 381ª edição, foi criada a seção "Ombudsman". Conforme nota do editor, "a coluna é fixa, mas o ombudsman muda a cada edição". Creio que é um caso inédito de jornal a apresentar esta inovação. E reputo como extremamente salutar a idéia de trazer a reflexão e a crítica social e de mídia para dentro do *JU* de for-

ma dinâmica, variada e plural.

Há 10 anos, eu concluía minha atuação como o primeiro ombudsman de imprensa de Santa Catarina, de 1995 a 1997, e é motivador ver as sementes e as variações desta prática florescendo em nosso meio. Cada vez mais, a mídia e a sociedade precisam ser monitoradas e auxiliadas pela ação de cidadãos e por diversos tipos de ombudsman, ouvidores, corregedores. Cada indivíduo deve se tornar, voluntariamente, um monitor da imprensa e da comunidade onde vive e atua, zelando pela afirmação de valores éticos, estéticos, ancorados no senso de justiça, bem-estar coletivo e desenvolvimento sustentável para a nossa e para as próximas gerações.

Ainda quanto à nova versão do *JU*, considere de muito bom gosto e eficácia o formato tablóide em cores, com *lay out* bastante criativo, espaço bem distribuído e dinamismo editorial e de conteúdo. Em cada uma das primeiras edições, o *JU* trouxe cerca de seis chamadas de capa, dois a três artigos de opinião, 14 a 17 reportagens assinadas (com textos enxutos e leves), 10 notas e 30 imagens, além das seções "Do Editor", "Memória", "Caiu na cesta", "Imagem" e "JU dos leitores". O padrão estético e informativo do jornal me pareceu atraente, consistente e adequado ao seu tempo, quando a influência da comunicação virtual acostumou os leitores a uma concepção mais visual, dinâmica, objetiva e sintética, como a predominante no universo Web.

Deixo algumas recomendações para as novas edições: que a seção "Memória" privilegie e promova especialmente o acervo iconográfico da história da própria UFSC; que de forma mais objetiva, seja apresentado um resumo dos dados e exemplos que justifiquem a posição da UFSC como "terceira universidade brasileira que mais produz ciência e tecnologia"; que, para além do que se faz no Campus da Trindade, o *JU* passe a divulgar, sempre que possível, as ações e realizações em curso dentro no novo processo de interiorização da Universidade pelos seus 16 pólos espalhados no Estado.

Mário Xavier
Jornalista e consultor

Foto: Cláudia Schaub Reis

Santos e pecadores – comunicação versus crise na era da informação, do jornalista Artemio Reinaldo de Souza, foi lançado em Florianópolis. Artemio faz parte da equipe da Agecom, e testemunhou as transformações ocorridas com a Agência de Comunicação da UFSC nos últimos anos, vivência que rendeu um capítulo especial no livro. A obra é resultado de seu trabalho de dissertação para o mestrado e também discorre sobre as modificações da comunicação frente às novas tecnologias.

O evento foi prestigiado pelo reitor Lúcio José Botelho e pelo presidente da Fapesc, Diomário de Queiroz.



Imagem

Condições de trabalho no RU são incompatíveis com a fome da comunidade universitária. Equipe do Restaurante protestou e Administração, que mantém a qualidade da alimentação e os preços subsidiados estabelecidos há mais de dez anos, está buscando soluções.

Foto: Paulo Noronha

JU dos leitores

"Dessa água beberei" – foi provavelmente a conclusão a que chegou o revisor, que bem corraera os olhos pela chamada de capa, anotara, porém não esquecera de verificar depois e, acertadamente, mantivera a expressão "beber da água da ilha". (*JU* 380, *ombudsman* Abr.2007).

Diz o professor Paulo Hernandes (Língua Portuguesa e Lingüística, www.paulohernandes.pro.br) que há uma particularidade que se refere a verbos como comer e beber. Em "Maria Luísa comeu o bolo" e "Helena bebeu o vinho", esses verbos são claramente transitivos diretos e consideramos que os sujeitos consumaram a ação, ou seja, comeram e beberam tudo. O que dizer, porém, de "Beatriz comeu do bolo" e "Salette bebeu do vinho"? O uso do partitivo altera o sentido do complemento, de sorte que entendemos haverem os sujeitos praticado a ação de comer e de beber não o todo alvo da ação, mas parte dele. Gramáticos de renome, como Celso Luft, consideram transitivos diretos os verbos dos primeiros exemplos e indiretos, os dos últimos, em que há a presença de preposição.

Trocando em miúdos: quem bebe da água da ilha, não bebe toda a água da ilha (o que seria mais catastrófico que o efeito do aquecimento global), mas apenas uma parte dela.

Assim, antes de dizermos "desta água não beberei", lembremo-nos também que "as aparências enganam" e que "o apressado come cru", para que não corramos o risco de "ir com muita sede ao pote".

Júlio César Ramos e Leticia Tambosi
Leitores do *JU* e revisores de texto.

Parabéns à equipe que se empenhou em identificar o campus universitário em todos pormenores possíveis. O campus tem o tamanho de uma pequena cidade, porém com muito mais setores e centros que prestam serviços e atendimento ao público, seja escolar ou não. Sou aluna da UFSC, hoje já conhecedora de muitos lugares, porém quando caloura sentia-me muito perdida dentro do campus. Certamente quem está atento à informação esses totens ajudarão a localizar-se melhor.

Silvana Rodrigues dos Santos



Poesia

Que trazes pra mim?, de Cynthia Valente, foi publicado pela EdUFSC dentro da Coleção *Ipsis Litteris*.

A autora, natural de Florianópolis, doutora em Literatura Hispano-americana pela Universidade de Sevilha, quer que o leitor dos seus poemas sintam-se como elemento poético da leitura. A sua poesia retoma ou recupera o encanto guardado no olhar infantil.

Correspondências

Ungüentos para Dom Quixote

Romances para Platão

Poesias para toda a vida

E álcool para meu dedão.

VERDE METAL VIL

Universidade pública também está engajada na preservação e desenvolvimento sustentável da Capital reforçando a Operação Moeda Verde

Profissionais de vários estados participaram da Operação Moeda Verde, que prendeu 19 empresários, políticos e servidores públicos acusados de participar de um esquema de venda de leis e atos administrativos em favor de grandes empreendimentos em Florianópolis, mas foram alguns funcionários ou profissionais egressos da UFSC que brilharam durante o episódio.

A delegada Julia Vergara, que comandou a operação, formou-se em Direito pela UFSC em 2001 e prestou concurso na Polícia Federal, sendo aprovada e nomeada dois anos depois. O perito ambiental João de Deus Medeiros, professor de Botânica nos cursos de Biologia e Agronomia, fez a perícia de vários empreendimentos investigados para o Ministério Público e a Justiça Federal.

Já o juiz Zenildo Bodnar, da Vara Ambiental da Justiça Federal de Florianópolis, que autorizou a Polícia Federal a realizar a operação Moeda Verde, concluiu doutorado na UFSC, após formar-se em Direito pela Universidade Federal de Ponta Grossa e fazer mestrado na Univali. E o professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo Francisco Antônio Carneiro Pereira, coordenador do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Ecologia e Desenho Urbano, entrou em cena após o episódio ao propor a mudança de modelo de desenvolvimento de Florianópolis, sob pena de se acelerar o processo de degradação ambiental na Ilha de Santa Catarina.

O esquema desmantelado pela Polícia Federal envolvia a ocorrência de crimes contra a ordem tributária, uso de documentos falsos, formação de quadrilha, corrupção e tráfico de influências. Os shoppings Floripa e Iguatemi, o hospital Vita, o Il Campanário Villagio Resort, o Vilas do Santinho e o empreendimento Jurerê

Internacional estão entre os projetos cuja licença teria sido liberada de forma escusa, desconsiderando a legislação ambiental vigente. O vereador Juarez Silveira, sem partido, foi considerado pela PF como o principal articulador das fraudes denunciadas pelo Ministério Público.

Dois dias após a operação, a delegada Julia Vergara afirmou, em entrevista ao *DC*, que "tudo passava pelo Juarez (Silveira), configurando um tipo de organização". Ela explicou como agia cada um dos envolvidos e disse para a *Folha de S.Paulo* que o suposto esquema "fazia uso da máquina pública de acordo com os interesses de quem ocupava o cargo".

Modelo equivocado - Entrevistado pela imprensa da Capital, o professor Francisco Carneiro Pereira criticou o fato de a cidade imitar modelos equivocados de desenvolvimento, que não levam em conta as características peculiares de sua geografia e os custos sociais e ambientais de tal política. Há, segundo ele, uma falta de sintonia entre a divulgação maciça de Florianópolis como modelo de qualidade de vida e as ações dos agentes públicos e privados responsáveis pela construção de empreendimentos na Ilha de Santa Catarina. "Temos que pensar se queremos crescer para a Ilha ou para o Continente, já que o território insular é limitado e com grandes áreas de preservação permanente", diz ele.

O professor sugere que a cidade adote modelos europeus de preservação, e cita Londres e Paris como exemplos, pois lá o pedestre tem prioridade e a arquitetura secular é preservada. A falta de uma unidade de conservação e de um setor de planejamento ambiental também ajuda a prejudicar o equilíbrio entre crescimento e preservação na cidade. "Temos que mudar o atual modelo de transporte, que estimula o uso de carros, e

também alterar o eixo do turismo, focando o lado ecológico e não o turismo de massa", afirma ele.

O perito João de Deus Medeiros, ex-diretor do Centro de Ciências Biológicas da UFSC (CCB) e que há cerca de 20 anos atua junto ao Ministério Público e à Justiça Federal, cita alguns exemplos de demolição de empreendimentos e posterior recuperação ambiental após denúncias e ações judiciais movidas pelo Ministério Público. Um deles foi a dragagem de areia para a construção do aterro da Baía Sul, que danificou o meio ambiente em área de restinga na Praia do Sonho, em Palhoça. "A empresa responsável foi obrigada a promover a recuperação, remodelando as dunas e restingas", exemplificou.

Últimas - Responsável pelo decreto das prisões temporárias e preventivas, o juiz Zenildo Bodnar entrou em férias no dia 14. De acordo com o *AN*, o recesso já estava marcado anteriormente.

O *Zero*, jornal-laboratório do curso de Jornalismo, dedicou sua última edição à cobertura da Operação, além de trazer também outras matérias sobre os impactos causados ao meio-ambiente na Ilha de Santa Catarina.



Ocupando a área da antiga Santa Fé, este megaempreendimento, enterrado nas imediações do mangue da UFSC, está na mira do Ministério Público, da Polícia Federal e da Justiça

Energia no bolso

Débora Horn / Especial para o JU

Foto: Saulo Duarte



Prédio em construção no bairro Córrego Grande

Desde 1993, os consumidores brasileiros podem escolher eletrodomésticos tendo como base o selo Procel, que indica os equipamentos com melhores níveis de eficiência energética, ou seja, aqueles que irão consumir menos energia ao funcionar. Em breve, esse critério também poderá ser analisado na hora de adquirir ou utilizar imóveis. Acaba de ser concluída pelo Laboratório de Eficiência Energética em Edificações (LabEEE/UFSC) a regulamentação para etiquetagem voluntária de nível de eficiência energética de edifícios comerciais, de serviços e públicos.

Em parceria com a Eletrobrás, por meio do Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica (Procel), os pesquisadores da UFSC elaboraram um texto que contém os requisitos técnicos necessários para a classificação do nível de eficiência energética em edifícios. "Essa regulamentação é voltada à aplicação voluntária em prédios comerciais, de serviços e públicos. No futuro, a classificação deve tornar-se obrigatória e também ser ampliada a edifícios residenciais", explica o coordenador do LabEEE, professor Roberto Lamberts.

A regulamentação inclui três requisitos principais para classificar o nível de eficiência energética de um edifício: o sistema de iluminação, o sistema de condicionamento de ar e o desempenho térmico da envoltória do prédio. A análise da eficiência de cada item vai determinar a etiqueta a ser recebida, que pode variar de "A" (mais eficiente) a "E" (menos eficiente).

Um prédio comercial receberá "A" se utilizar aquecimento solar de água, com coletor e reservatório térmico que também tenham recebido a classificação máxima de eficiência. E se o edifício possuir mais de um elevador, deverá ser apresentado um controle inteligente de tráfego, que evite o desperdício de energia.

De acordo com Lamberts, assim como aconteceu no caso dos eletrodomésticos, a regulamentação deve beneficiar os usuários das edificações. "As pessoas terão liberdade de optar por prédios eficientes no consumo de energia, gerando economia e menor impacto ambiental", afirma. Além do professor, estudantes de graduação e pós-graduação da UFSC participaram da elaboração das normas, que levou cerca de dois anos para ser concluída.

A regulamentação completa está disponível no site do no site www.labeee.ufsc.br

Foto: Vicenzo Berti